

MUSEU AFRO-BRASILEIRO; AÇÕES AFIRMATIVAS DE CARÁTER MUSEOLÓGICO NO NOVO SETOR DA HERANÇA CULTURAL AFRO-BRASILEIRA

Joseania Miranda Freitas¹

Resumo

O texto apresenta uma síntese do *Projeto Conceitual Básico para Implantação do Novo Setor do Museu Afro-Brasileiro*, da Universidade Federal da Bahia, *Setor da Herança Cultural Afro-Brasileira*. O projeto tem como objetivo a organização de um *Banco de Dados*, contendo um levantamento bibliográfico e iconográfico sobre as principais organizações de resistência, construção e afirmação de identidade afro-brasileira, abrangendo temas até então não abordados no seu espaço expositivo, a exemplo dos quilombos (incluindo as atuais comunidades remanescentes), as revoltas e insurreições, as irmandades religiosas, os movimentos recreativos e culturais (Sociedade Protetora dos Desvalidos, a Frente Negra Brasileira), o carnaval afro-brasileiro (afoxés, blocos-afros, maracatus, escolas de samba, etc.), a capoeira e os movimentos negros contemporâneos, entre outras manifestações. Com a organização deste *Banco de Dados*, o Museu terá, além de uma farta fonte de documentação, suporte teórico para o futuro projeto expográfico. O Museu Afro-Brasileiro, na qualidade de museu universitário, tem desenvolvido, na sua trajetória institucional, ações de pesquisa, documentação, conservação, exposição, ação cultural e educativa; dando continuidade à sua missão, este projeto configura-se como uma ação afirmativa museológica, pois busca reconhecer e dar visibilidade a atores e situações sociais até então *esquecidos* dos processos museológicos oficiais.

Palavras-Chave: Memória, museu, herança afro-brasileira.

¹ Professora do Departamento de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação/Pesquisadora do Museu Afro-Brasileiro (UFBA). A pesquisa em desenvolvimento conta com o financiamento de uma bolsa de Iniciação Científica/PIBIC. Endereço eletrônico: <joseania.freitas@uol.com.br>



Ações afirmativas museológicas: um processo em construção

O projeto de implantação de um novo setor no Museu Afro-Brasileiro do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), da Universidade Federal da Bahia (UFBA) insere-se numa perspectiva de *ações afirmativas de caráter museológico*. Falar de ações afirmativas, neste âmbito, implica no reconhecimento e inclusão do patrimônio cultural afro-brasileiro no seu futuro projeto expositivo. Esta ação responde diretamente à exclusão que, historicamente, esta temática teve nos museus brasileiros, salvo importantes exceções.

As ações afirmativas formam um conjunto de respostas à situação de *desigualdade étnico-racial*, que historicamente, vivenciou o negro na sociedade brasileira. As ações visam *diminuir* ou mesmo *neutralizar* as desigualdades, criando oportunidades concretas de acesso aos afro-descendentes. É necessário chamar a atenção de que as atuais discussões em torno desta temática estão na pauta do dia por força das organizações do *movimento negro contemporâneo* que, com base nas lutas do passado, recuperou o conceito *negativo* de ser negro na sociedade racista brasileira, relacionado à servidão e à exclusão:

O *ser negro* para o Movimento Negro constitui-se nas marcas de um processo de construção coletiva de identidades individuais e sociais, através de discursos e ações que revelam a afirmação de uma identidade étnica, fundamentada na constante elaboração de um referencial de ancestralidade africana. (Freitas, 2004, 192).

Autores como Gonzáles; Halsenbag (1982), Hall (2001), Kowarick (1988), Laclau (1986), Lavou (2004), Sader (1988), entre outros, chamam atenção para o fato de que os chamados *novos movimentos sociais* que eclodiram no final dos anos 1960 e início dos 1970, caracterizavam-se, principalmente, pela forte presença dos atores sociais. Atores e atrizes do cotidiano, da luta travada nas pequenas e grandes conquistas de cada dia, imersos nas contradições da teia de relações plurais da sociedade. Esta dinâmica marcou estes movimentos como *apelativos de identidades*, segundo Hall (2001) neste momento: “[...]”



Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a *política de identidade* - uma identidade para cada movimento” (Hall, 2001, p. 45).

Relativamente ao Movimento Negro por afirmação de identidade, Lavou (2004) salienta que: “[...] o negro ganhou, em legitimidade pública e política e desatou, então, uma luta simbólica pelo privilégio de sua representação, isto é, luta para falar dele e por ele.” (Lavou, 2004, p. 9). O *movimento negro contemporâneo* foi criado e fortalecido no contexto dos movimentos sociais dos anos 1970, que se caracterizavam pelas novas formas de participação coletiva, pela pluralidade do social, diversidade de práticas e meios para garantir as conquistas.

Os *novos movimentos sociais* são heterogêneos, portadores de contradições e ambigüidades, que se desenvolvem e se redefinem no próprio contexto, no qual os atores sociais, os homens e mulheres envolvidos, vivem também o processo de construção, criando e recriando valores, hábitos, etc. Sendo espaço para “diversas formas de expressão” , como chama atenção Eder Sader:

Na década de 70 a diversidade se reproduzia enquanto tal, apesar da presença de referências comuns cruzando os vários movimentos [...]. A pluralidade de movimentos não está indicando nenhuma compartimentação de supostas classes sociais ou camadas sociais diversas. Está indicando diversas formas de expressão. (Sader, 1988, p.198).

É importante destacar que o ambiente cultural, favorecido pela eclosão dos movimentos sociais dos anos 1960-1980, também influenciou as discussões em torno do papel social dos museus e a própria definição da área de atuação da Museologia, levando os estudiosos a pensar em novas práticas e na própria definição teórica da área, destacando-se neste período, principalmente os estudiosos da Europa de Leste:

A Museologia como conjunto de princípios, a florado no decorrer dos anos 1980, passou a ser sistematizada a partir da reunião de pessoas interessadas em discuti-la,



situação essa facilitada ou mesmo possibilitada pela implantação do Icofom, uma iniciativa do tcheco Jan Jelinek. (Cerávolo, 2004, p. 238).²

As discussões na área museológica culminaram na criação do *Movimento da Nova Museologia*, como também salienta Cerávolo:

[...] A inquietação levou ao descontentamento, e o Icofom chegou ao ano de 1984 com uma questão interna para resolver: a de integrar ou não os movimentos novos que reivindicavam seu lugar e fala. A Museologia tradicional se encontrou, e se defrontou, com a Nova Museologia. (Cerávolo, 2004, p. 259).

Nesta perspectiva, a também tcheca Anna Gregorová, apresentou o seu conceito de Museologia, como uma: “[...] disciplina científica em vias de formação, cujo objeto é o estudo da relação homem-realidade e isto em todos os contextos nos quais esta se manifestou e se manifesta concretamente.” (Gregorová, citado por Rússio, 1989, p. 10). Mais tarde, este conceito foi ampliado com as reflexões da francesa Mathilde Bellaigne, que substituiu a palavra realidade por real: “[...] que abrange o conjunto da vida e do meio ambiente [...]. Disso resulta que a Museologia só pode abordar o real em sua totalidade: material e imaterial, natural e cultural, passado e presente.” (Bellaigne, 1992, p. 02).

As discussões em torno das concepções museológicas avançaram no sentido de incorporar o patrimônio, na sua chamada “totalidade”, incluindo não somente a materialidade dos bens e objetos museológicos, mas também a perspectiva imaterial ou simbólica, levando à criação, pela UNESCO, de uma distinção internacional chamada *Proclamação de obras primas do patrimônio oral e imaterial da humanidade*, em 1998, com o objetivo de premiar os exemplos mais destacados nesta categoria.

No âmbito dos anos 80, vale destacar que o ICOM, pela primeira vez abriu-se ao chamado 3º mundo, elegendo um presidente africano, o malinense Alpha Oumar Konaré³,

² Comitê Internacional para a Museologia, integrante do ICOM (Conselho Internacional de Museus), da UNESCO.

³ Alpha Oumar Konaré foi primeiro africano eleito presidente do ICOM (1989-1992). A escolha se fez também levando em conta a personalidade de um homem de cultura e ação que conquistou a admiração dos profissionais de museus através de sua franqueza, coragem intelectual e dedicação à causa dos museus. Nasceu no Mali, em 1946. Doutor em História e Arqueologia pela universidade de Varsóvia, Polônia em 1975, foi diretor do Patrimônio do Mali (1975-1978). Ministro da Saúde, Esportes, Artes e Cultura (1978-



que foi seu vice-presidente, anteriormente entre 1983-1989. Depois desta importante experiência internacional Konaré foi presidente da República do Mali (1992-2002), atualmente ocupa a presidência da Comissão da União Africana. Sobre o reconhecimento e premiação do patrimônio oral e imaterial ele comenta:

Esta primeira proclamação é uma grande oportunidade para todas as culturas africanas. Trata-se de um grande reconhecimento das culturas de todos os povos que hoje utilizam a língua oral e se expressam realmente através do que é imaterial. A proteção do patrimônio imaterial é uma longa luta cujo êxito, fica assim consagrado. (Konaré)⁴

Ainda que todos estes movimentos não apresentem relação direta, o contexto maior dos movimentos sociais os aproxima, no sentido de que as lutas por participação social e reconhecimento das identidades, levou ao reconhecimento diferenciado dos patrimônios culturais das sociedades e grupos específicos. Neste sentido, compreende-se o patrimônio cultural afro-brasileiro, como um conjunto de ações culturais (incluindo o social e o político), construído e alicerçado em processos de desigualdade social, excluído, muitas vezes, dos processos de registros e sistematizações oficiais.

O patrimônio cultural afro-brasileiro é fruto de processos de lutas e negociações, conflitos e acordos, vivenciado no campo material e simbólico, portador de valores, expresso através da materialização dos fragmentos da memória desta herança, através da busca de elementos africanos nos *rastros perdidos* de uma *memória negada e seqüestrada*, expressa numa possível raiz comum, que mesmo diante da diversidade, aparece nos sinais diacríticos com base nas celebrações, na religiosidade, nas lutas por liberdade, nas linguagens, na cor da pele etc., “[...] fazendo o elo entre a africanidade ancestral, relativa mais especificamente ao campo da imaterialidade, e o viver contemporâneo, relativo à dinâmica da materialidade-imaterialidade.” (Freitas; Lizcano; Gonzáles, 2004, p. 10).

1980). Publicou vários estudos sobre museus, tornou-se CHAIRPERSON do ICOM do Comitê Nacional do Mali em 1982 e tornou-se líder de organizações regionais na África. Foi vice-presidente do ICOM (1983-1989). In: BAGHALI, Sid Ahmed; BAOYLAN, Patrick; HERREMAN, Yani (1998). *History of ICOM (1946-1996)*. Paris, International Council of Museums, p. 79. (Tradução livre de Suely M. Cerávolo).

⁴ Ver: http://portal.unesco.org/culture/es/ev.php-URL_ID=3563&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.htm



O reconhecimento da invisibilidade, no âmbito dos museus e da museologia, das questões étnico-raciais ou da sua visibilidade pelo lado *negativo*, voltado para situações de escravidão e/ou submissão, tem sido tema de pesquisas e debates em fóruns da área. No entanto, a explicitação da necessidade de aplicação de políticas de ações afirmativas é um fato relativamente novo⁵. Durante um longo período, foi marcante a invisibilidade do negro na instituição museu, responsável oficialmente pelos registros da memória e da história nacional, tanto no Brasil, como nos demais países colonizados, porém os movimentos sociais lutaram para que as imagens dos povos africanos e de seus descendentes, não fossem resumidas somente às representações de um passado escravista, se assim, que sejam destacadas as lutas contra o sistema.

O ambiente dos anos 1970 em Salvador, foi propício para a gestação de um importante projeto cultural, a criação do Museu Afro-Brasileiro, que foi inaugurado em janeiro de 1982, resultado do *Programa de Cooperação Cultural* entre o Brasil e países da África, para o desenvolvimento de estudos afro-brasileiros. Sua realização foi possível graças a um amplo convênio celebrado entre a União, o Estado e a Prefeitura de Salvador em março de 1974. Institucionalmente o Museu Afro está vinculado ao Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), órgão suplementar da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, criado em 1959⁶.

Na dissertação de Cunha (1999), coordenador do Museu entre 1995-2001, encontra-se, em minúcia, o detalhamento do projeto inicial e os seus desdobramentos para a implantação do Museu Afro-Brasileiro, que foi pensado como um imenso centro cultural que abrigaria:

[...] cursos, seminários, edição e divulgação de trabalhos sobre temas africanos, estímulo a pesquisas, mediante concessão de bolsas de pesquisa, acolhimento de

⁵ Somente em 2001, o Brasil assumiu falar em ações afirmativas na III Conferência Mundial das Nações Unidas de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, em Durban, na África do Sul. Neste sentido, vale destacar que a 5ª Semana de Museus da Universidade de São Paulo (2005), traz como tema *Ações Afirmativas em Museus: Educar e Preservar*, mostrando a necessidade de discussão também nesta área.

⁶ Verificar em: <<http://www.ceao.ufba.br/mafro/apresentacao.htm>> e <<http://www.ceao.ufba.br/apresentacao.htm>>



bolsistas africanos, recepção a intelectuais africanos, recrutamento de professores para missão educativa e cultural na África [...] estímulo à criação de núcleos universitários e coleções, reinício dos congressos afro-brasileiros. (Cunha, 1999, p. 72).

Mesmo não tendo alcançado a totalidade do que foi projetado, principalmente, pelo reduzido espaço que lhe foi destinado, o Museu foi inaugurado com salas de exposição de longa e curta duração, realizou um intenso programa educativo, que envolvia seminários e palestras com escolas da cidade; não pôde, portanto, alcançar o objetivo de expor inteiramente o continente africano. De 1995-1997, o Museu passou pela sua primeira reestruturação, perdendo ainda mais espaço, não podendo, também desta vez, apresentar as organizações de resistência, construção e afirmação de identidade afro-brasileira, tema até então não abordado no seu espaço expositivo. Contudo, pôde dar continuidade às suas principais ações museológicas, principalmente àquelas relacionadas ao atendimento do público.

Como museu universitário, o Museu Afro-Brasileiro tem compromissos com a pesquisa, o ensino e a extensão, no sentido de relacionar o seu acervo às dinâmicas sócio-culturais africanas e afro-brasileiras. Lugar de guarda e celebração, pertencente a “um sistema ritualizado de ação social”, de acordo com o conceito de museu defendido por Néstor García Canclini:

O museu é a sede cerimonial do patrimônio, o lugar em que é guardado e celebrado, onde se reproduz o regime semiótico com que os grupos hegemônicos o organizaram. Entrar em um museu não é simplesmente adentrar um edifício e olhar obras, mas também penetrar em um sistema ritualizado de ação social. (García Canclini, 2003, p. 169).

Ações afirmativas no Museu Afro-Brasileiro

Pesquisa iniciada em 2002, tem como objetivo principal elaborar um Banco de Dados, contendo um levantamento bibliográfico e iconográfico sobre as principais organizações de resistência e afirmação de identidade afro-brasileira. Pretende catalogar



diversas organizações políticas e culturais, criadas antes e depois da abolição do sistema escravista, visando oferecer subsídios para o projeto expositivo que poderá apresentar como os grupos de africanos e afro-descendentes se organizaram em torno da resistência cultural e política, desde as experiências quilombolas, as insurreições, as irmandades e associações até a criação, no século XX, dos grupos do movimento negro contemporâneo.

Na perspectiva de políticas de ação afirmativa, a realização deste projeto de pesquisa implica também num esforço interdisciplinar que envolve pesquisadores, professores e estudantes de áreas diversas e afins, no intuito de possibilitar uma abordagem ampla acerca da diversidade da cultura afro-brasileira e sua complexidade. Este projeto é desenvolvido em parceria com o Departamento de Museologia, através da disciplina *Laboratório de Cultura Material Africana e Afro-Brasileira* (FCH 044) e com o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA. Tem como instituição parceira a Universidade Católica do Salvador, através de atividades de estágio de alunos do curso de História com Concentração em Patrimônio Cultural, no sentido de criar um *espaço-laboratório* para o desenvolvimento de ações museológicas comuns à instituição e às disciplinas, oferecendo aos alunos oportunidade de participação na construção teórica de projetos museológicos, experiência importante para a formação profissional.

Na perspectiva de trabalho em rede, o projeto está articulado ao Centro de Estudos Africanos e Asiáticos da Universidade Nova de Lisboa, através da pesquisa: *A Irmandade da Boa Morte: uma perspectiva museológica e de gênero*, ao Departamento de História da Universidade do Norte, em Barranquilla, Colômbia e ao Centro de Estudos do Caribe no Brasil da Universidade Federal de Goiás, através da pesquisa sobre o *Afro-Carnaval no Atlântico*.

Este projeto de *ações afirmativas de caráter museológico*, em 2005, foi incorporado ao novo projeto museológico do Museu Afro-Brasileiro⁷, elaborado com a participação de

⁷ MUNCAB – Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira. Projeto museológico coordenado pela museóloga, Dra. Maria Célia T. M. Santos, professora aposentada do Departamento de Museologia da UFBA. Tramitando no Ministério da Cultura em articulação com a UFBA e a AMAFRO (Associação de Amigos da Cultura Afro-Brasileira).



entidades representativas das comunidades afro-brasileiras. O novo projeto museológico não tem como preocupação exclusiva a coleta de acervo das instituições, mas que isto, preocupa-se com a articulação e o respeito às iniciativas de criação de museus e memoriais, a exemplo dos já existentes e em fase de implantação, assim como visa estimular e apoiar tecnicamente a criação de novas experiências. Embora a nova concepção museológica seja de caráter *nacional*, não tem a pretensão de representar e/ou apresentar o país inteiro, mas tem como meta a possibilidade de uma atuação em rede, buscando a criação de canais de diálogos e intercâmbios com as instituições museológicas nacionais e internacionais (na perspectiva da diáspora), assim como visa estabelecer e manter redes de parcerias com entidades representativas do patrimônio afro-brasileiro.

O projeto de *ações afirmativas de caráter museológico* do Museu Afro-Brasileiro busca compreender o patrimônio cultural afro-brasileiro, como fruto da dinâmica cultural que faz com que elementos singulares sejam preservados, mesmo diante da pluralidade das transformações e permanências culturais, “[...] que coloca no mesmo espaço-cenário elementos representativos de um passado, que se faz presente, e as transformações sociais e culturais dos indivíduos e grupos.” (Freitas; Lizcano; Gonzáles, 2004, p. 10).

Neste sentido, o Banco de Dados, que visa levantar e sistematizar referencial bibliográfico e iconográfico, está organizado em cinco categorias: *Organizações de Resistência Afro-Brasileira; Insurreições e lutas anti-escravistas; Festas, folguedos e o afro-carnaval; Entidades do Movimento Negro e A musicalidade africana e afro-brasileira.*

Como elo comum às categorias listadas, encontra-se a *celebração da festa*, como uma importante marca sócio-cultural das ações referentes à resistência e afirmação político-cultural, do período colonial à contemporaneidade. A *celebração da festa* ainda está por ser mais estudada, mais “explicada que descrita”, visando o seu entendimento mais amplo, suas diversas manifestações, como chama atenção Mary Del Priore:

A festa, tanto no passado quanto no presente, tem sido mais descrita que explicada. Levi-Strauss diz que ela deve responder a uma necessidade e preencher uma função. No entanto, as descrições nos documentos históricos não elucidam



necessariamente as funções formais embutidas na festa. Para captá-las, é necessário religar todas as suas intervenções por meio de um sistema global de interpretação que não deve negligenciar nenhuma manifestação de sua prismática vivência. (Del Priore, 2000, p. 10-11).

No caso do Brasil colonial, mais especificamente, é preciso compreender a festa a partir das cosmovisões ameríndia, africana e ibérica e da sua fusão nos diversos modos de celebrar a vida. No cenário colonial brasileiro, as festas foram importantes espaços sócio-culturais das práticas religiosas católicas: “[...] as folias são o lugar onde os africanos, aqui chegados como escravos, se organizam. Essa perspectiva ilumina a compreensão da religiosidade católica dos escravos e suas relações com a cultura de seus antepassados.” (Soares, 2000, p. 231-232). Nas festas, os africanos e seus descendentes encontravam um lugar, um território fértil para as re-construções e re-elaborações das memórias individuais e coletivas.

No período colonial, quando foram gestadas as principais organizações da cultura afro-brasileira, é possível perceber a importância dos espaços festivos, considerados pelos senhores como profanos, quando os escravizados festejavam os santos católicos, em forma de alegres manifestações, mescladas às tradições africanas. Os senhores não percebiam que a dimensão religiosa ancestral ali se perpetrava e se firmava, formando uma nova cultura na qual eram preservados importantes suportes identitários.

É necessário discutir sobre a festa nos diversos contextos da cultura afro-brasileira, uma vez que importantes elementos culturais foram, e ainda são, preservados levando-se em consideração esta marca identitária, compreendida além da dicotomia entre sagrado e profano. A celebração da festa estava associada ao exercício da convivência entre as diversas etnias, à prática de ações associativas e de solidariedade. A força expressiva das festas populares representa uma herança cultural, fruto de um mundo simbólico, povoado pelas crenças e valores religiosos, lembranças de um tempo em que o escravizado necessitava negociar e adaptar-se às regras do sistema escravista, para não perder completamente suas memórias ancestrais.



As festas do período colonial celebravam, com muita intensidade, a vida e a morte. O chamado “catolicismo barroco” (Reis, 2004, p. 49) permitiu que escravos, livres e alforriados praticassem a fé católica, participando de rituais e celebrações, possibilitando a organização de irmandades exclusivas de *negros e mestiços*. Partindo do princípio de que “[...] nunca um fenômeno histórico se explica plenamente fora do seu momento” (Bloch, 1997, p. 94), é preciso entender o contexto histórico da constituição das *irmandades de negros e mestiços*, no qual homens e mulheres aproveitavam para participar da vida social. Com base no modelo colonial, criaram associações e irmandades nas quais os sócios usufruíam os espaços de sociabilidade e solidariedade, garantindo, inclusive, a realização dos cultos fúnebres, quer católicos e/ou os tradicionais da religiosidade africana, aqui reelaborados. Os “funerais grandiosos” deste modelo de catolicismo, faziam da morte e do enterramento uma ocasião festiva, como destaca João José Reis:

[...] catolicismo barroco. Um catolicismo que se caracterizava por elaboradas manifestações externas de fé: missas celebradas por dezenas de padres, acompanhadas por corais e orquestras, em templos cuja abundante decoração era uma festa para os olhos, e sobretudo funerais grandiosos e procissões cheias de alegorias, de que participavam centenas de pessoas. [...]. (Reis, 2004, p. 49).

Nos espaços festivos deste “catolicismo barroco”, na organização dos espaços sagrados da religiosidade afro-brasileira e nas práticas quilombolas, os africanos e seus descendentes guardaram importantes fragmentos das diversas línguas africanas, das formas de cultuar os ancestrais e as forças da natureza. Nos espaços festivos, os negros podiam entoar os cânticos, preservando elementos dos diversos ritmos e cadências melódicas, podiam tocar instrumentos musicais e utilizar os elementos decorativos e alegorias como marcas identitárias. Identidade compreendida como categoria relacional e flexível. Como chama atenção Hall, a identidade: “[...] permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ [...]”. (Hall, 2001, p. 38).

A opção pelo estudo e compreensão da *celebração da festa*, como fio condutor da organização do *Banco de Dados do Projeto de ações afirmativas de caráter museológico* do Museu Afro-Brasileiro, dá-se como forma de reconhecimento das lições museológicas



não oficiais desenvolvidas pelas instituições afro-brasileiras que, baseadas na sabedoria milenar africana, souberam, a partir das memórias ancestrais: preservar, conservar, documentar, registrar, expor e divulgar o patrimônio que lhes foi legado. Estas instituições assumem seu patrimônio cultural e reivindicam o registro oficial da sua memória, através de ações sociais, educativas e culturais, numa perspectiva de pertencimento.

Organização Prévia do Banco de Dados

Levantamento Bibliográfico e Iconográfico

Temática I: Organizações de Resistência Afro-Brasileira

- Quilombos e Comunidades Remanescentes
- Grupos de Capoeira
- Irmandades de Negros e Mestiços
- Sociedades de Montepio

Temática II: Insurreições e lutas anti-escravistas

- Revolta dos Malês
- Conjuração Baiana

Temática III: Festas, folguedos e o afro-carnaval

- Congadas, folias e folguedos populares



- Afoxés e maracatus
- Blocos-afro
- Escolas de Samba
- A participação feminina no afro-carnaval

Temática IV: Entidades do Movimento Negro

- Frente Negra Brasileira
- Frente Negra Baiana
- Organizações contemporâneas

Temática V: A musicalidade africana e afro-brasileira

- Música e Músicos
- Ritmos e Sonoridades
- O Samba: origens e vertentes
- Os Instrumentos Musicais

Referências

BELLAIGNE, Mathilde. Le defi museologique. Paris, Setembro, 1992. In: *V Fórum de Museologia do Nordeste*. Salvador, 1992.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da Museologia. In: *Anais do Museu Paulista; história e cultura material*. São Paulo: USP, v. 12, jan.-dez., 2004.

CUNHA, Marcelo N. B. da. O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia: um estudo de caso sobre musealização da cultura afro-brasileira. 1999. Dissertação (Mestrado em Informação Estratégica). Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.



DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FREITAS, Joseania Miranda. A Ação Educativa do Movimento Negro: uma proposta de musealização. In: SILVA, Ana Célia da; BOAVENTURA, Edivaldo Machado. (Org.). *O Terreiro, a quadra e a roda: formas alternativas de educação da criança negra em Salvador*. Salvador: Coletânea de textos do Programa de Pós-Graduação em Educação FAGED-UFBA, 2004. (p. 191-198).

FREITAS, Joseania Miranda. Museu do Ilê Aiyê: um espaço de memória e etnicidade. 1996. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FREITAS, Joseania Miranda; LIZCANO, Martha Sofia; GONZÁLES, Danny. Afro-Carnaval no Caribe - Barranquilla (Colômbia) e Salvador (Brasil): por uma memória comum e solidária. In: *III Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil - CECAB*. Goiânia: UFG, 2004. (CD rom).

GONZALES, Lélia e HALSENBAG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1982.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva, Guacira L. Louro. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KOWARICK, Lúcio. (Org.) *As lutas e a cidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.

LACLAU, Ernesto. Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo (2) 1986.

LAVOU, Victorien. De la desdicha genealógica al espacio genealógico: la revolución del ser del migrante desnudo en el Caribe. In: *III Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil - CECAB*. Goiânia: UFG, 2004. (CD rom).

REIS, João José. *A morte é uma festa; ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 4ª Reimpressão, 2004.



RÚSSIO GUARNIERE, Waldisa. Museu, museologia e formação. In: *Revista de Museologia*. São Paulo: Instituto de Museologia de São Paulo - Fundação Escola de Sociologia e Política, v. 01. Ano 01, 1989.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiências; falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1988.

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Sítios de Internet

<http://www.ceao.ufba.br/mafro/apresentacao.htm>

<http://www.ceao.ufba.br/apresentacao.htm>

<http://portal.unesco.org/culture/es/ev.php->

[URL_ID=3563&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.htm](http://portal.unesco.org/culture/es/ev.php-URL_ID=3563&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.htm)

